

A sala de aula como território ferido

written by José Paulo Santos | 6 de Junho, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Há um país que não aparece nas estatísticas nem nos discursos oficiais – um país que começa todas as manhãs dentro de uma sala de aula. Aí, sentados lado a lado, estão professores exaustos a tentar ensinar e alunos inquietos a tentar resistir. Entre uns e outros, cresce um mal-estar que já não cabe nas palavras “indisciplina” ou “violência”: é uma fadiga coletiva, silenciosa e corrosiva, que se infiltra nos gestos, nos olhares, nas relações.

Enquanto a sociedade acelera e exige mais – mais desempenho, mais resultados, mais controlo – as escolas tornaram-se o lugar onde essa pressão se acumula como um excesso que ninguém consegue conter. Os alunos deixam de respirar e começam a reagir. Os professores deixam de ensinar e começam a defender-se.

E é assim, imperceptivelmente, que a sala de aula deixa de ser espaço de encontro e se transforma num território ferido – onde já não se aprende a viver, mas apenas a sobreviver.

Há um silêncio nas escolas portuguesas. Não é o silêncio fértil da concentração, nem o recolhimento necessário à aprendizagem – é um silêncio espesso, carregado, que pesa sobre os corpos e as palavras. Um silêncio que se instala quando o respeito se quebra, quando a autoridade se esvazia, quando ensinar deixa de ser um ato luminoso e passa a ser um exercício de sobrevivência.

Quem entra hoje em muitas salas de aula encontra professores em estado de vigília permanente e alunos em tensão difusa – como se todos habitassem um território vulnerável, onde qualquer gesto pode incendiar o conflito.

A violência, durante muito tempo atribuída aos corredores e aos recreios, entrou na sala, sentou-se, discretamente, na última fila, e ali ficou.

Um inquérito recente mostrou que mais de metade dos professores já foi vítima de agressões, muitas delas verbais, outras de coação, outras ainda físicas. Mas estes números, por impressionantes que sejam, dizem pouco sobre o essencial: não é apenas a violência explícita que destrói – é a repetição quotidiana de pequenas erosões, de desautorizações constantes, de climas hostis que lentamente desgastam aquilo que sustenta a escola: a relação.

E é aqui que tudo começa a ruir.

O peso invisível do ensinar

Ser professor hoje é, muitas vezes, caminhar sobre um chão instável.

Há o programa para cumprir, as metas para atingir, a burocracia a preencher – mas há, sobretudo, o confronto diário com alunos que chegam à escola já carregados de mundo. Jovens

que transportam ansiedades, feridas, frustrações, desamparos, pobreza – e que, perante um sistema que lhes pede rendimento e disciplina, respondem com aquilo que têm: desordem, resistência, por vezes agressividade e violência extrema.

A ciência confirma o que tantos professores sentem: a exposição contínua a contextos adversos e violentos conduz ao burnout, à ansiedade, à depressão. Em Portugal, há docentes que adoecem ao ponto de precisar de afastamento médico, incapazes de suportar a pressão emocional do quotidiano escolar.

Mas o verdadeiro drama é outro: muitos continuam. Continuam cansados, continuam feridos, continuam esgotados – porque alguém tem de ficar.

O silêncio que protege a violência

E, no entanto, tudo isto permanece, em larga medida, oculto. A esmagadora maioria dos casos não é denunciada. Apenas uma pequena parte chega aos mecanismos formais. O resto dissolve-se no silêncio – um silêncio feito de medo, de resignação, de descrença.

Criou-se uma cultura insidiosa onde a violência se banaliza. Onde o insulto se relativiza. Onde o sofrimento do professor se invisibiliza. E onde todos, alunos e docentes e não-docentes, aprendem uma lição perigosa: a de que a dor não tem lugar público.

Mas e os alunos? Quem escuta o seu cansaço?

É aqui que a reflexão se torna mais exigente – e mais honesta. Talvez seja preciso, por um momento, sair da posição de julgamento e calçar os sapatos dos alunos.

Imagine-se um jovem que passa cerca de 38 horas por semana na escola. Trinta e oito horas sentado, regulado, avaliado, observado. Trinta e oito horas onde cada gesto conta, cada palavra pode ser corrigida, cada silêncio pode ser interpretado.

E, depois, pouco ou nenhum tempo para o essencial: estar com os outros, construir amizade, experimentar o mundo sem pressão constante.

A escola, que deveria ser espaço de crescimento, torna-se, para muitos, um espaço de permanência – quase de confinamento.

A impossibilidade de respirar

Os alunos não têm tempo. Não têm tempo para conversar sem serem interrompidos, para rir sem serem interpretados como disruptivos, para existir fora do olhar avaliativo do adulto.

As pausas são curtas, controladas, frequentemente anuladas. As aulas sucedem-se – e, quando um professor falta, surge a aula de substituição: mais tempo sentado, mais tempo contido, mais tempo impedido de simplesmente ser. Sem espaço de respiração, o corpo acumula tensão. E o que não respira... acaba por rebentar.

A amputação do convívio e da experiência

A escola deveria ser também lugar de encontro. Mas há alunos que passam dias inteiros sem uma conversa livre, sem um jogo espontâneo, sem um momento de verdadeira ligação.

Aprendem fórmulas, datas, conceitos – mas perdem o treino da convivência, da negociação emocional, do conflito saudável.

Os especialistas têm alertado para o impacto de uma permanência prolongada em ambientes excessivamente estruturados no desenvolvimento emocional. E talvez este seja um dos paradoxos mais trágicos: ao tentar controlar tudo, a escola perde aquilo que não se ensina – o humano.

A obrigatoriedade sem sentido

E depois há o mais difícil de admitir: nem todos os alunos querem estar ali. A escolaridade obrigatória até aos 18 anos é uma conquista – mas, para alguns jovens, torna-se um cárcere simbólico. Permanecem não por desejo, mas por imposição.

Sentem que o seu caminho poderia ser outro. Mais prático. Mais concreto. Mais próximo da vida. E quando um jovem é obrigado a permanecer num lugar onde não encontra sentido, a indisciplina deixa de ser surpresa.

Torna-se linguagem. Uma forma de dizer: não pertença aqui, não sou ouvido, não sou visto.

Um sistema em tensão permanente

E assim se fecha o círculo. Alunos saturados, comprimidos, sem espaço de expressão. Professores exaustos, desprotegidos, emocionalmente drenados. E, no meio, uma instituição que continua a exigir resultados, comportamentos, metas – sem escutar suficientemente o sofrimento que a habita.

A violência que vemos é apenas a superfície. Por baixo, há um sistema em tensão.

Um apelo necessário

Talvez seja tempo de parar. De olhar para dentro das escolas não como quem procura culpados, mas como quem procura compreender. Porque o que ali está em causa não é apenas a disciplina, nem apenas o respeito, nem apenas o sucesso escolar.

É algo mais profundo. É o modo como tratamos aqueles que ensinam. E o modo como acompanhamos aqueles que crescem.

Se continuarmos a pedir silêncio a quem está saturado; se continuarmos a exigir respeito a quem não se sente respeitado; se continuarmos a impor presença a quem perdeu o sentido de estar, então não estaremos a educar. Estaremos apenas a conter.

E uma escola que contém, em vez de libertar; uma escola que esgota, em vez de cuidar; uma escola que silencia, em vez de escutar, acabará por transformar o futuro num lugar mais pobre do que o presente.

Porque nenhum país pode florescer quando são as suas crianças que aprendem a sobreviver antes mesmo de aprenderem a viver, como o resto de uma sociedade em decadência.